

O FILÓLOGO E O FILOLOGISTA

José Pereira da Silva (UERJ)

Apesar de não constar no Catálogo Brasileiro de Ocupações, o filologista está mais presente do que o filólogo em diversos ramos da atividade filológica brasileira, seja como docente, seja como pesquisador.

Como, entretanto, não é um profissional de uma ocupação oficial nem tem formação específica em Filologia, omite esta particularidade na descrição de suas atividades profissionais.

Quantos professores do ensino superior em nossos cursos de letras têm ensinado Filologia Românica, Filologia Portuguesa, Filologia Germânica, Filologia Clássica, Ecdótica ou Crítica Textual etc. e jamais se deu conta de que está desenvolvendo uma atividade filológica na ocupação de filólogo?

É até bastante natural que muitos deles se neguem a se considerar filólogos, pois de fato não o são; mas não deveriam omitir a sua condição de filologistas, termo muito pouco usado e que precisa ser restabelecido para registrar a situação atual da Filologia no Brasil.

Quantos de nossos colegas desenvolvem uma atividade de crítica textual, editando documentos importantes ou reeditando criteriosamente obras de grande interesse para a nossa cultura, acrescentando-lhes comentários lingüísticos, filológicos e literários, apesar de não terem uma formação especificamente filológica?

Antônio Houaiss (2001) diz que filólogo é o “estudioso ou conhecedor de filologia” e que filologista é o termo pouco usado para significar “especialista em filologia”, ciência que define como

- 1) estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos;
- 2) estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos;
- 3) o estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigi-

dos nessas línguas (p. ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica;

4) estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.), especialmente para a edição de textos.

Para levar em consideração a definição oficial brasileira da ocupação do filólogo, do Ministério do Trabalho e Emprego, consulte a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO 2002), na página virtual www.mtecbob.gov.br, cujo atalho para “FILÓLOGO” é <http://www.mtecbob.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2614-05>), onde estão disponibilizadas muitas outras informações importantes a este respeito.

Alguns periódicos têm publicado informações sobre tais definições oficiais, como a *SOLETRAS*, disponível também na página <http://www.filologia.org.br/soletras/4/03.htm>, e a *Revista Brasileira de Filologia*, número 2, no prelo.

A elaboração da definição da ocupação de filólogo e todas as informações vigentes sobre suas atividades, formação etc. foi feita por uma comissão que contou com a participação dos filólogos: Bruno Fregni Bassetto, Evanildo Cavalcante Bechara, João Bortolanza, José Pereira da Silva e Luís Antônio Lindo.

Como a universidade brasileira praticamente deixou de formar filólogos a partir da última década para cobrir os seus próprios quadros, restam-nos abnegados filologistas, no conceito que lhe dá Gladstone Chaves de Melo (1957: 3), no trecho abaixo transcrito, começando pela definição de Filologia como “uma ciência positiva, histórica, com seu objeto formal nitidamente delineado, com seu método próprio e com uma grande soma de conclusões definitivamente estabelecidas.”

Estabelecendo a diferença entre “filólogo” e “filologista”, numa época em que ainda não existiam os cursos de mestrado e doutorado em Letras no Brasil, eis o que ele nos ensina (MELO, 1957: 3):

O primeiro seria o que conhece com segurança a Filologia, possui o método da ciência, está em dia com ela e, além disso, trabalha, com suas

pesquisas próprias, com suas investigações originais, para o progresso da especialidade. “Filologista” seria o que se contentasse com a primeira parte, isto é, o que conhecesse solidamente a Filologia e fosse senhor dos seus métodos, nada trazendo, porém, de contribuição pessoal.

Portanto, Antônio Houaiss consagrou a definição de filologista estabelecida por Gladstone Chaves de Melo, que entendia como filólogo aquele que, além de ser um especialista em Filologia, contribuiu na produção de conhecimentos na área ou na prática do trabalho filológico.

Gladstone acreditava que “ninguém devia fazer-se professor de Português, nem muito menos meter-se a gramático, sem conhecer Filologia, sem ser, pelo menos, filologista”. (*Op. cit.* p. 3-4)

Como era muito comum o autodidatismo, na época em que escreveu sua *Iniciação à Filologia Portuguesa*, ele fez questão de alertar pouco adiante (p. 4) para o seu perigo: “Não se improvisa um filólogo, nem mesmo um filologista. Ele deve ser formado. É um especialista, há de ter tido escola.”

Na época em que Gladstone Chaves de Melo escreveu isto, ser “filólogo” era uma honra muito grande, suplantando a de “lingüista”, de “gramático” e de muitas outras ocupações de letrados. Daí provém a sua preocupação com a formação do filólogo, que descreve como indicamos a seguir (*Op. cit.* p. 4-5):

O filólogo deve receber formação metódica, que lhe permita caminhar sem tropeços pelos caminhos de sua disciplina. Ele há de ser iniciado pacientemente no método da ciência, há de ter o espírito afeito à observação dos fatos, há de aprender a separar o joio do trigo. Importantíssima para ele é a aquisição dos fundamentos da ciência, onde se deve proceder por etapas, sem saltos, de maneira que as coisas se encadeiem bem.

Condição primária e indispensável é claro que é a vocação. E vocação significa “querer” e “poder”, isto é, ter pendor para a especialidade, ter gosto por ela, e possuir as qualidades necessárias – um certo grau de inteligência, amor ao estudo, espírito científico, humildade intelectual e, acima de tudo, amor à Verdade.

.....

Suposto que haja vocação, o mestre irá inculcando metodicamente no discípulo, a par das noções fundamentais, o processo do trabalho filológico. [Cf. BASSETTO, 2001: 43-62]

Porá o máximo empenho na construção dos alicerces. Dará grande apreço ao estudo da fonética histórica, por exemplo, para que mais tarde o aluno não vá naufragar na Etimologia,....

.....

Finalmente, o mestre terá de inculcar fundo no seu discípulo a importância da seleção dos textos. Conseguido o respeito ao texto, insistirá no cuidado em só se valer das boas edições, das edições fidedignas. O melhor meio para obter tal desiderato é mostrar, com muitos exemplos concretos, como se adulteram textos, fazendo assim ver que, não havendo o cuidado preliminar de escolher boas edições, corre o filólogo o sério risco de abonar um fato supostamente com VIEIRA, BERNARDES ou HERCULANO, quando realmente o está fazendo com um pobre editor, ignorante, sábio demais ou inescrupuloso.

Surgidos os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Letras, a Universidade Federal do Rio de Janeiro criou o Mestrado e o Doutorado em Filologia Românica, que tiveram curta duração (cuja última tese foi defendida em 1998), apenas os pós-graduados titulados naquela especialidade passaram a ser considerados filólogos, além dos antigos, naturalmente, anteriores à existência de tais cursos.

Com formação específica em Filologia Românica, o último doutor diplomado no Brasil foi, no Rio de Janeiro, Emmanuel Macedo Tavares, restando alguns cursos de Lingüística ou Letras com linhas de pesquisa voltadas para atividades filológicas, como os que continuam em atividade na USP, na UFBA e na PUC-Minas.

Nesta conjuntura, a Filologia, que teve seu auge na metade do século XX, perdeu toda a sua atratividade, passou a ser quase totalmente esquecida no final do século e somente agora começa a retomar fôlego, com uma defesa de tese e a efetivação de mais um ou dois professores doutores na USP, a criação de cursos de aperfeiçoamento e extensão, eventos, publicações etc. Naquela época (meados do século), brilharam ou começaram a brilhar algumas personalidades como Aires da Mata Machado Filho, Álvaro Ferdinando Sousa da Silveira, Antenor de Veras Nascentes, Antônio Geraldo da Cunha, Antônio Houaiss, Arthur de Almeida Torres, Augusto Meyer, Aurélio Buarque de Holanda, Basílio de Magalhães, Cândido Jucá (filho), Carlos Henrique da Rocha Lima, Celso Ferreira da Cunha, Clóvis do Rego Monteiro, Emmanuel Pereira Filho, Ernesto Faria, Gladstone Chaves de Melo, Hamilton Elia, Ismael de Lima Coutinho, Jacques Raimundo, Jesus Belo Galvão, Joaquim Brás Ribeiro, Joaquim Mat-

tosso Câmara Júnior, José de Sá Nunes, José Rodrigues Leite e Oiticica, Júlio Nogueira, Junito de Souza Brandão, Lindolfo Gomes, Manuel Said Ali Ida, Mário Camarinha da Silva, Matilde Matarazzo Gargiulo, Modesto de Abreu, Olmar Guterres da Silveira, Otelo de Souza Reis, Othon Moacyr Garcia, Padre Augusto Magne, Quintino do Vale, Renato Mendonça, Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, Serafim da Silva Neto, Sylvio Edmundo Elia, Vandick Londres da Nóbrega e outros, que se reuniram na Academia Brasileira de Filologia e no Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro.

Acredita-se que as atividades do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos e da Academia Brasileira de Filologia tenham desencadeado um movimento positivo para a Filologia e o número de profissionais das áreas de Lingüística e Letras que passaram a atuar em ocupações filológicas cresceu bastante nos últimos cinco anos, abrindo bastante espaço para que os numerosos filologistas se tornem oficialmente filólogos, deixando de ser apenas conhecedores para serem praticantes das atividades filológicas.

Além de pouco utilizado, o termo “filologista” parece carregar uma carga negativa enorme, apesar de precisar apenas que não se trata de um profissional da Filologia, mas de um profissional da área de Lingüística ou Letras que detém os conhecimentos da ciência filológica.

Doravante, é certo, o número de filologistas deverá crescer, mas não esperamos que eles se identifiquem com frequência como tais, pois é um termo carregado de semas positivos (o conhecimento da Filologia) e de semas negativos (a ausência de produtividade filológica), seja como produtor de conhecimentos, seja como utilitário dos métodos e técnicas filológicas na sua produção intelectual.

Mas é seguro que já estamos entrando na era em que o número de filologistas é crescente e animador para o desenvolvimento das ciências da linguagem e para a possibilidade teórica e prática de sua aplicação ocasional em outras atividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001, vol. 1.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss; Objetiva, [s/d.].

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia portuguesa*. 2ª ed. Refundida e aumentada com três mapas coloridos. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

SILVA, José Pereira da. A situação oficial brasileira do filólogo e do professor de filologia no Ministério do Trabalho e Emprego. In *SO-LETRAS: Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ*. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2002, Ano II, N° 04, p. 28-36.

———. O filólogo e o professor de filologia na classificação brasileira de ocupações de 2002 do Ministério do Trabalho e Emprego. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro, 2003, n° 2 [no prelo].